

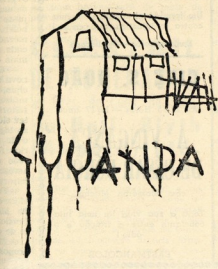
PRÊMIO MOTA VEIGA:

FOI POSTO À VENDA O NOVO LIVRO DE LUANDINO VIEIRA

— TRÊS CONTOS INTITULADOS «LUANDA»

Foi posto à venda o novo volume de contos de Luandino Vieira «Luanda», do qual foi, como é sabido, atribuído o prêmio D. Maria José Abrantes Mota Veiga referente a 1963.

Composto de três contos, por exigência do regulamento daquele concurso, o livro faz parte de um conjunto de dez histórias, a publicar posteriormente.



Na véspera do volume o nosso camarada A. Roberto-Motta escreveu as seguintes palavras:

«E pela Poesia que surge as literaturas novas. E logo é já o rol dos Poetas de Angola que, desde a «Menagem», vêm afirmando, com a maior pujança o advento de uma Literatura com características acendadamente regionais.

Pô-lo no apareceu Luandino Vieira, o seu primeiro prosador. Mas o seu aparecimento não teria sido bastante para garantir a essa literatura a promoção a novo fase, se não fosse a rápida evolução do autor de «A Cidade e a Infância», que nos aparece, agora, em «Luanda», em plena maturidade. O novo degrau está transportado. Mas transporto

de forma magnífica por quem, plantando da linguagem oral do nosso povo luandês as mais admiráveis formas de expressão, cria, para a literatura da sua terra, uma língua nova, cheia de encanto e rica de possibilidades. Luandino Vieira abre, realmente, os mais prometedores caminhos à Literatura de Angola, com o pórtico de uma verdadeira obra-prima, que lhe concede lugar cimeiro entre os escritores da sua geração.

UM ROMANCEIRA

Foi publicado o livro, «L'Harmattan», do escritor negro Benbène Oumane. O autor tem já carreira literária extensa na língua francesa, com vários romances publicados e um livro de novelas. «L'Harmattan», que teve apreciado repercussão. O romancista, que testemunhou os acontecimentos mais importantes da evolução da África Negra antigamente sob soberania francesa, tomou como cenário de fundo político-social do seu último livro o referendo de 1958.

Leia, assinie e divulgue «ABC—Diário de Angola»

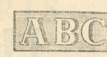
ACABA DE APARECER

«LUANDA»

POR LUANDINO VIEIRA

OBRA GALARDOADA COM O PRÊMIO MOTA VEIGA

PEDIDOS À LIVRARIA



C. P. 1245 — LUANDA

ESPELHOS DE CRÍTICA: O SURREALISMO EM 1964 — Por RENÉ PALMIÉRY —

Qual a situação do Surrealismo em 1964, após quarenta anos de existência? Quarenta anos de polémicas, de zangas, de exclusões e também de obras (gestações de poder) de obras sobretudo para chegar à mais recente contrarrevista neste domínio: a que após Breton a Petric, Walberg e a seja, o chefe de fila e redactor do Manifesto de 1924 ao organizador da Exposição da Galerie Champs-Élysées, Paris, apresentada como um balanço do Surrealismo quadragesimo.

★ Mas convém, sem dúvida, distinguir primeiro de uma escola necessariamente limitada pelos imperativos de um formulário, um movimento que, despendido a sentido do seu século e que é uma maneira de navegar contra a corrente da tradição e da rotina, fuzar como uma das aventuras mais apaixonantes da arte e da poesia.

Distinguir portanto o essencial do acessório. O acento é paradoxalmente o que mais parece ter o grande número: a negação sistemática, rigorosa como um inventário, dos valores artísticos que caracterizam toda a vida e toda a obra de Jaime Cortesão. O médio, o poeta, o combativo, o militante e o jornalista. Purgado e honrado de ideias constituiu apenas uma personalidade das mais dignas e nobres e bem dotadas do Portugal contemporâneo. A sua ligação como que toma intensidade e vibra mais forte à medida que os meses rodam sobre o seu passamento.

«INTRODUÇÃO» à História das Bandeiras NAS «OBRAS COMPLETAS» DE JAIME CORTESÃO

Há quatro anos que se foi embora para sempre essa figura de raro nobreza cívica e do mais alto valor intelectual e moral que os chamam Jaime Cortesão. Foi a emergir no Dia da Assunção entre os acordes da Nova Sinfonia e sobre o seu túmulo, em construção, o escultor moldou já as folhas de louro para o poeta de «Morte da Água», e as fhas de carvalho para o português cuja vida foi uma perseguição de heróis, com o apoio do escultor Lagoa Henriques

zoubarém harmonizar-se para encontrarem a nota da simplicidade e da verdadeidade que caracterizam toda a vida e toda a obra de Jaime Cortesão. O médio, o poeta, o combativo, o militante e o jornalista. Purgado e honrado de ideias constituiu apenas uma personalidade das mais dignas e nobres e bem dotadas do Portugal contemporâneo. A sua ligação como que toma intensidade e vibra mais forte à medida que os meses rodam sobre o seu passamento. Grande monumento a Jaime Cortesão está a ser erigido com os belos materiais por ele deixados dispersos ao longo de cinquenta anos de vida pública e que vão desde o volume erudito, recheado de documentos e citações sobre as fronteiras do Brasil, até as memórias da guerra para onde tinha ido voluntário, aos lindos versos de «Esta História é para os Anjos...» e «Obras Completas» a que nestes ombros o seu amigo Agostinho Fernandes, da Portuguesa Editora. Há de todo nessa obra grandiosa, em que o livro de história alterna com o discurso inflamado e candente, o tratado de bibliografia empenhada com a sítira violenta da «Madalida», o comentário ao acontecimento corrente, o estudo de drama histórico e a antologia de poesias populares com o volumoso de literatura infantil. Jaime Cortesão foi construído a sua obra de singular vigia e solidez à medida que a vida lhe foi proporcionalmente oculto. Sob os auspícios do director da Biblioeca Nacional de Lisboa se constituiu o grupo de «Lecturas e do «Clube de Portugal», mas a breve trecho o vento da política alirava com as suas condições para os quatro cantos da terra e o dramaturgo, o poe a que fora também o colaborador da «História da Colonização Portuguesa no Brasil», viajava por Espanha e França e era sobretudo à sua erudição histórica que lhe buscou as páginas parvas desde que deixou a Pátria. Entrara professor no Brasil irmão e seria professor de diplomacia e orientaria as comemorações do centenario da fundação de S. Paulo e o grande censo do edificio histórico de Jaime Cortesão editou desde 1948. Entre os obras há uma precioso «diária», que não conta apenas a imprensa diária, mas vai além e conta o que se atrai todo quanto se publicou nos jornais. No «Estado de S. Paulo», numa série de 42 artigos, publicou Jaime Cortesão a obra aculeada e bem estruturada que dá a «Introdução à História das Bandeiras», cujo primeiro volume temo agora entre mãos. O segundo volume da série das «Obras Completas». A prosa editada e viva de Jaime Cortesão.

(Conclui na 4.ª pag.)

O Surrealismo, como movimento, não é um fenómeno monolítico e, parecendo-nos nisto com o Romantismo e o Simbolismo, dispersa-se, logo ao nascer segundo o labirinto e o tempo, em dois dos seus adeptos. De resto, o estado civil, que hoje lhe dá a generalização, não deixa de ser arbitrário...

★ Vejamos uma passagem significativa do Manifesto de 1924. O que deve ser a literatura, segundo Breton? «Automatismo psíquico, pelo qual nos propomos exprimir, seja verbalmente, seja por escrito, seja de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, no assentado de todo e qualquer controlo exercido pela razão, fora de todas as preocupações estéticas ou normais. E

KRUTCHEV — Em livro sensacional de George Palanca-Horvath. Qual o mistério da infância de Krutchev? Qual foi a sede, de Krutchev utilizado «Grande Inquietação» de Krutchev quanto a ideias que Krutchev emprega para afastar do governo Malenkov e outros camaradas? Porque demitiu Krutchev, em 1956, os crimes cometidos por Estaline? Que são os verdadeiros autores do «caso Sinaia»?

Nesta obra extremamente brilhante e sensacional, George Palanca-Horvath, nascido na Hungria e que viveu durante centenas de anos. Muito se tem escrito sobre os poderes e os perigos do transe hipnótico, os maravilhosos

VERDADES E MENTIRAS DA PSICOLOGIA II. J. Eysenck — Há muitos assuntos na psicologia moderna sobre os quais a especulação não se dá a partir durante centenas de anos. Muito se tem escrito sobre os poderes e os perigos do transe hipnótico, os maravilhosos

AGELIA, Hal Clement — Mais um livro de ficção científica integrado na colecção 3-C que tem despertado muita atenção dos leitores, não apenas pelo seu belo aspecto gráfico, como também pela qualidade literária dos autores, pela lucidez.

Advertisement for 'Poesia' magazine. It features the title 'Poesia' in a large, stylized font. Below the title, there are several numbered sections (I, II, III, IV, V) containing short reviews or teasers of poems and literary works. The text is arranged in a vertical column, with each section starting with a number and followed by a few lines of text. The overall layout is clean and modern, typical of a magazine advertisement from that era.

ANTÓNIO M'EMBELO